



Revista História. (Passo Fundo. Online)

ISSN: 1517-2856

ISSN: 2238-8885

Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas

Neumann, Gerson Roberto

Literatura, narrativas e migrações. Reflexões e perspectivas

Revista História. (Passo Fundo. Online), vol. 19, núm. 2, 2019, Maio-Agosto, pp. 179-189

Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas

DOI: <https://doi.org/10.5335/hdtv.2n.19.9424>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552460506003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Literatura, narrativas e migrações. Reflexões e perspectivas

Literature, narratives and migrations. Reflections and Perspectives

Literatura, narrativas y migraciones. Reflexiones y perspectivas

Gerson Roberto Neumannⁱ

Resumo: As narrativas de viajantes são hoje fonte de pesquisa para estudiosos de diversas áreas. Os movimentos migratórios atuais, com o acelerado deslocamento de pessoas e de transmissão de informações faz com que mais narrativas surjam mais rapidamente. Com as migrações, e por consequência os deslocamentos de grupos de um local para outro, formam-se novas constelações, novas áreas que extrapolam fronteiras (geográficas, linguísticas, étnicas, etc.). Acompanhando esse processo, pretende-se tratar da narrativa de viajantes de modo geral e, em seguida, especificamente no contexto brasileira, finalizando com reflexões e perspectivas sobre essa importante forma de relatar.

Palavras chave: Literatura comparada. Migrações. História. Literatura de viagens.

Abstract: Travelers' narratives nowadays work as objects of study for many scholars from different fields. The current migratory movements and the resulting speedy displacement of people and information transmission cause more narratives to emerge in a shorter period of time. Due to migration and, consequently, the displacement of people from one place to another, new constellations develop, as well as new areas in which borders (geographical, linguistic, ethnic, etc.) are crossed. Whilst keeping track of this process, the aim of this work is to discuss migration narratives in a broader perspective, and then those within the Brazilian context, reaching toward final considerations and viewpoints on this important means of storytelling.

Key words: Comparative literature. Migrations. History. Travel literature.

Resumem: Las narrativas de viajeros son hoy fuente de investigación para estudiosos de diversas áreas. Los movimientos migratorios actuales, con el acelerado desplazamiento de personas y de transmisión de informaciones, hacen que más narrativas surjan más rápidamente. Con las migraciones, y por consiguiente los desplazamientos de grupos de un lugar a otro, se forman nuevas constelaciones, nuevas áreas que extrapolan fronteras (geográficas, lingüísticas, étnicas, etc.). Acompañando ese proceso, se pretende tratar la narrativa de viajeros de modo general y, a continuación, específicamente en el contexto brasileño, finalizando con reflexiones y perspectivas sobre esa importante forma de relatar.

Palabras clave: Literatura comparativa. Migraciones. Historia. Literatura de viaje.

Apresentação

Viajar! Sobre a importância dada ao viajar, ao deslocar-se, o argentino Axel Gasquet cita, no texto “Bajo el cielo protector. Hacia una sociología de la literatura de viajes” o historiador, geógrafo e filósofo grego Estrabão, que foi o autor da grandiosa obra *Geografia*, um tratado de 17 livros contendo a história e descrições de povos e locais de todo o mundo que lhe era conhecido à época. Segundo Estrabão, “os heróis mais sábios são aqueles que visitaram muitos lugares e percorreram o mundo; os poetas honravam aqueles que viam a cidade e conheciam as mentes dos homens” (GASQUET, 2006, p. 54). Na Antiguidade como no Renascimento e até os nossos dias, viajar é tomado como forma de aguçar a inteligência. E trazendo novamente Gasquet para a discussão: “do filósofo errante da Antiguidade, passou-se para o viajante humanista do Renascimento e depois para o viajante científico (naturalista e botânico, preferencialmente) dos séculos XVII e XVIII” (GASQUET, 2006, p. 54).

Tratando aqui da Literatura, de narrativas e migrações, pretende-se trazer à discussão a temática da literatura de viagens, pois tanto os pesquisadores da Literatura, como da História, Antropologia, Sociologia e de outras áreas, buscam nessas narrativas pouso para aprofundar seus estudos; em um segundo momento, discutir a temática das migrações contemporâneas, concentrado principalmente no contexto de literatura em língua alemã, com a qual trabalho no Programa de Pós-Graduação, apresentando autores que escrevem em um espaço não mais definido por fronteiras nacionais fixas, autores que escrevem em espaços fluídos e de difícil fixação e sobre a importância da tradução (e falamos aqui também de tradução cultural); e para concluir, trazer uma reflexão sobre as perspectivas de estudos futuros.

Narrativas de viagem e deslocamentos

A partir do século XVIII, as viagens passam a se tornar uma “atividade pública e sistematizada”, segundo Lorelai Kury (2001, p. 66), no texto “Viajantes e naturalistas do século XIX”. E a autora menciona que existiam instruções de viagem para os viajantes naquela época, como se lê no recorte a seguir: “recomenda-se que todo viajante sério escreva um meticoloso diário, onde anote suas observações sem nenhum código pessoal incompreensível. O diário de viagens torna-se um documento coletivo, que deve poder ser lido, caso o viajante venha a morrer” (KURY, 2001, p. 66). Nesse caso, os estudiosos

têm à disposição aí um documento que pode ser lido a partir das mais diversas perspectivas.

Atualmente, viaja-se muito e diversos são os tipos de viajantes que se deslocam do seu local para chegarem a outro. Entre eles há o grupo que inicia sua viagem e pretende retornar, chegar ao seu local de origem; outros procuram um local, onde possam iniciar uma nova vida. Estes podem figurar entre os migrantes, enquanto aqueles geralmente são os viajantes. Histórias de migrantes são conhecidas desde os tempos mais remotos. O homem, desde a sua origem, é um ser que se desloca, que migra de um local a outro, por necessidade, mas também por vontade de conhecer. O romanista alemão Ottmar Ette nos lembra que a expulsão de Adão e Eva do paraíso, narrado na Bíblia cristã, também pode ser lida como uma emigração forçada, por necessidade, visto que Deus lhes restringira o espaço antes usado (ver ETTE, 2012, p. 9). Entre os viajantes, há que mencionar as viagens dos exploradores e aventureiros. As grandes viagens de “descobrimento” de novas terras no século XV e XVI, assim como as viagens do século XIX, as novas viagens de descobrimento do século, marcadas pelo seu cunho científico, mas refletindo também o descobrimento da própria identidade. Segundo Marc Augé, na apresentação do livro *Diez estúdios sobre literatura de viajes*, já acima citado, “os jovens da burguesia francesa curaram sua melancolia viajando para a Itália” (2006, p. 13). Muitos escritores, como Chateaubriand, Flaubert, Goethe, Gerstäcker entre muitos outros, viajavam para se nutrirem de material, de vivências para a criação de uma nova obra. Apenas para citar um exemplo, o viajante-escritor alemão Friedrich Gerstäcker necessitava de viagens para narrar aos seus leitores europeus as suas viagens pelo mundo. Assim, ele passou também pelo Brasil e pelo Rio Grande do Sul. Sobre Porto Alegre, Gerstäcker escreve o seguinte em um pequeno recorte do livro *Achtzehn Monate in Südamerika und dessen deutschen Colonien*:

Às nove horas da manhã seguinte, o navio partiu novamente para Porto Alegre, e logo me encontrava a bordo, no meio de uma colônia inteira de imigrantes alemães recentemente saídos da terra natal, que tinham como destino São Leopoldo, uma das mais antigas e importantes colônias alemãs no Brasil [...]

Porto Alegre! Já à chegada, quando se passa por uma pequena ilha rochosa localizada em lugar muito pitoresco, com mata escura à frente e a muito amável cidade à direita, promete muito; o que se confirma ainda mais quando de suas costas se observa todo o maravilhoso cenário do lago, com suas ilhas cobertas de plantas, baías profundas e margens magníficas.

Além disso, Porto Alegre foi o centro ou o ponto de partida para várias colônias alemãs muito importantes, São Leopoldo e Santa Cruz. (GERSTÄCKER, 1863, p. 76-78).

Além da viagem física, existe também a “viagem imóvel”, a viagem que se passa na cabeça daqueles que leem narrativas produzidas por viajantes, relatos de viagem ou

mesmo textos ficcionais que se nutrem ou reproduzem narrativas relacionadas ou que tematizam a viagem. A leitura é uma viagem, é uma criação, pois o leitor cria sua própria imagem daquilo que lê. Hoje o que fazemos, além da leitura de relatos em forma de livros, é “navegar” na internet. Percorremos mundos (no passado, no presente e também no futuro) e nos deslocamos do modo como queremos, absorvendo tudo que se nos oferece. Existe, contudo, uma grande diferença entre o que se oferece atualmente como uma viagem pelas tecnologias da comunicação e a viagem física propriamente. Enquanto a viagem pressupõe a construção de um mesmo através do encontro com o outro, as tecnologias criam sujeitos individuais bem constituídos, resultado do intercâmbio de informações sem que ocorra uma transformação.¹

Os viajantes que passaram pelas terras do sul do Brasil partiram e chegaram de diferentes lugares, permaneceram nas terras brasileiras por algum tempo ou demoraram-se e depois partiram novamente. Da mesma forma, muitos migrantes chegaram e se fixaram no Brasil e muitos de nós somos resultado desses deslocamentos espaciais ocorridos, no caso do Brasil, especialmente no século XIX. Muitos destes viajantes e migrantes registraram suas experiências e, desta forma, fixaram sua viagem pelas terras do Brasil na história. Cabe mencionar aqui o belo trabalho de Walter Antonio Noal Filho e de Sérgio da Costa Franco, que em dois volumes trazem breves relatos de mais de 100 viajantes que passaram – e muitos deles ficaram – por e em Porto Alegre e fizeram alguma forma de registro, sendo o recorte temporal de 1754 a 1941. Entre os viajantes figura também o já citado Friedrich Gerstäcker (NOAL FILHO; COSTA, 2004).

Segundo Ottmar Ette, o relato de viagem é um gênero que traduz, pois converte experiências individuais em um conjunto de saberes coletivo, ou pelo menos as coloca em relação recíproca (ETTE, 2001, p. 28). Neste ponto, a relação escritor/tradutor é novamente reforçada na relação com o leitor do texto/da tradução.

O relato de viagem é uma forma híbrida com muitos elementos de aproximação com a novela. Pode-se afirmar que o relato de viagem segue sendo considerado antes um documento empírico e ligado intimamente à realidade, na forma de uma *narratio vera*. Diferentemente da novela, o relato de viagem constitui uma forma híbrida pelos gêneros que reúne, pela variedade de discursos e pela sua capacidade de se acercar da ficção e da dicção. Ao contrário do que ocorria no período medieval, quando o relato de viagem não pretendia a aquisição de saberes comprováveis empiricamente, nos tempos modernos

¹ Tal elaboração está apoiada na reflexão de Marc Augé na apresentação que faz do livro *Diez estúdios sobre literatura de viajes*.

busca-se justamente a experiência e a transmissão das mesmas (ETTE, 2001, p. 32s.). Desta forma, o relato de viagem passou a ser usado por diferentes áreas acadêmicas – Sociologia, História, Geografia, Antropologia e também a Literatura passou a usar o relato de viagem com um outro olhar - como fonte para estudos entre a Europa e as outras partes do mundo viajadas. Segundo Gasquet, a intencionalidade da literatura de viagem está baseada na “veracidade” e como um subgênero, tem a particularidade de situar-se entre dois mundos de escrita que têm no “critério de ficcionalidade” a literatura e no “critério da veracidade” a história (GASQUET, 2006, p. 61).

O viajante é uma figura criada pelo autor do relato, apesar dos elementos autobiográficos presentes no texto, e desta forma o relato de viagem é a narrativa do viajante que transmite informações ao leitor, colocando-o a par de dados a partir dos que já conhece ou não. Segundo Ette, dentre “os recursos de que se utiliza [o viajante] para dar maior credibilidade ao seu discurso são: descrição distanciada, controle crítico das fontes e mediação discursiva para a transmissão do conhecimento à sociedade” (ETTE, 2001, p. 35).

A partir da tensão estabelecida por meio das reflexões sobre o “eu” narrado e o “eu” narrador no momento da escrita pode se desenvolver como resultado uma importante discussão sobre a forma como se lê o outro e também como o outro-leitor lê a obra, o que por consequência pode levar o leitor a refletir sobre a sua forma de ver o mundo e seus hábitos em relação ao que se lhe apresenta como diferente.

As migrações contemporâneas

No que tange à produção dentro de um espaço delimitado por fronteiras (linguísticas), ou seja, a uma produção escrita contemporânea ainda marcada por delimitações, temos que lembrar que um dos símbolos de cada país na formação do estado nacional é a literatura em língua nacional. Ottmar Ette traz uma interessante abordagem no capítulo oito de seu livro *Überlebenswissen. Die Aufgabe der Philologie* [SaberSobreViver. A (o)missão da filologia], quando nos apresenta a obra *Manuscrito cuervo* [Manuscrito do corvo], do migrante e escritor atuante entre diferentes meios Max Aub, ao dizer que

[...] diferentemente dos corvos, os seres humanos não dispõem de uma língua universal ‘ilimitada’, são antes limitados em suas respectivas possibilidades de comunicação. Uma comunicação que ultrapassa barreiras (linguísticas) pressupõe, por conseguinte, a disponibilidade para a tradução, tal como a aquisição de línguas estrangeiras, e o respeito por elas (e suas lógicas). (ETTE, 2015, p. 234).

O *Manuscrito Corvo* surge com base em notas recolhidas dos tempos de Vernet,² na França, onde Max Aub esteve detido por duas vezes. Quem narra é um corvo, que perambula pelo campo de concentração e observa a estranha realidade humana com que se depara. O tom é de fábula, embora a “língua corvina” praticada por Jacobo, o corvo, tenha um pouco de fabuloso. Em breves apontamentos, por vezes brevíssimos, o corvo descreve com apurado sentido satírico as desventuras da humanidade.

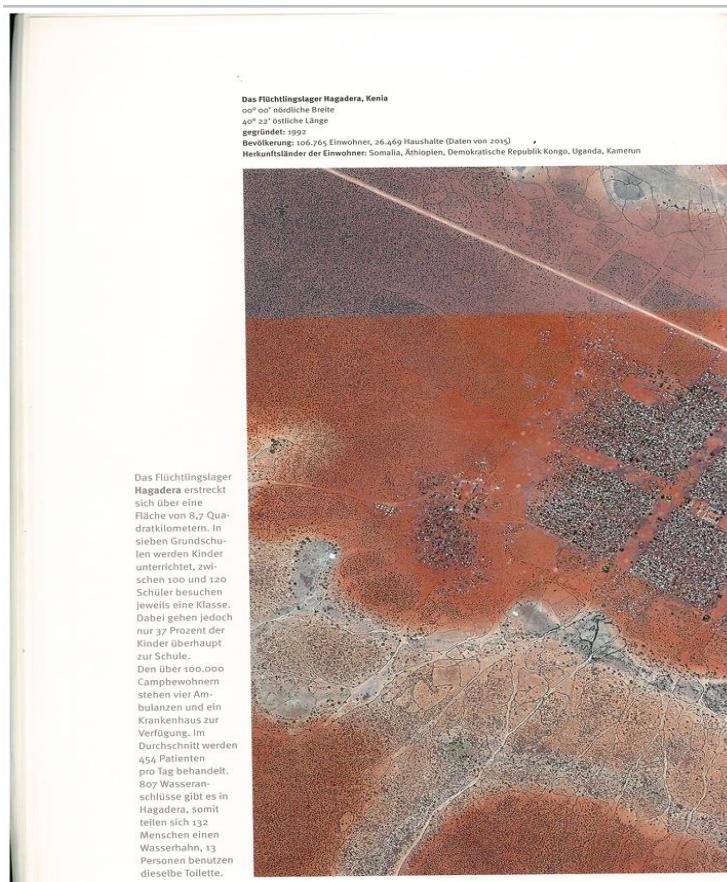
Muitas são as perdas para aqueles que migram e se deslocam, sobretudo quando se trata de migrações por necessidade, devido a conflitos bélicos, perseguições políticas, intempéries do clima, questões econômicas, entre outras. Geralmente o ser humano, seguindo as formas de migração de todos os animais, lembrando aqui novamente do livro de Max Aub, *Manuscrito do Corvo* pela questão de se tratar de animais narrando, deslocase de seu local de conforto devido a necessidades, como as temos hoje do continente africano para a Europa, formando assim novas paisagens (linguísticas, alimentares, musicais, arquitetônicas, geográficas, literárias). No contexto migratório existe a reflexão sobre o movimento de deslocamento, que resumidamente pode ser apresentado da seguinte maneira: primeiro movimento: devido à situação adversa ocorre a reflexão sobre a possibilidade de deixar o seu local, segundo, inicia-se a organização do movimento (como? recursos? despedidas? etc); terceiro, o início do movimento do local próximo, ainda conhecido; quarto, o contato com o desconhecido durante a viagem; quinto, a chegada ao novo meio (contatos, conflitos, frustrações) e novas paisagens se criam.

Para exemplificar as mudanças que os movimentos migratórios causam no cenário geográfico para onde se dá o deslocamento e onde, muitas vezes, são montados campos de refugiados migrantes, trazemos a revista alemã *Kulturaustausch. Zeitschrift für internationale Perspektive* [Intercâmbio cultural. Revista para perspectiva internacional] de 2016. Ela traz um número especial sobre o tema “terra nova”, intitulado *Neuland. Ein Heft über Flucht und Heimat* [Terra nova. Um caderno sobre fuga e pátria]. Apresentamos, a seguir, uma imagem de satélite que mostra de maneira muito interessante como novas paisagens surgem a partir do agrupamento de refugiados em “campos” de refugiados. No caso abaixo, trata-se do campo de refugiados de Hagadera, no Kenia, onde vivem 106.765 pessoas, em 26.469 famílias, oriundas de cinco países diferentes: da Somália, da Etiópia, da República Democrática do Congo, de Uganda e de Camarões. Podem-se visualizar facilmente as fronteiras delimitadas politicamente pelas

² Claude Joseph Vernet (1714 - 1789) foi um pintor, desenhista e gravurista francês. Vernet pode ser tomado como o mais famoso pintor de paisagens na sua época.

leis dos Homens. No entanto, há também as áreas que ignoram os traços delimitados, o que se percebe especialmente nas cores. As migrações podem estremecer fronteiras imaginadas plenamente definidas.

Imagen 1 – Campo de refugiados de Hagadera, no Kenia



Fonte: *Kulturaustausch*, 2016, n. 2, p. 57

Os deslocamentos, as migrações, são os movimentos que causam mudanças ao contexto em que ocorrem. As rotas de viajantes, as rotas comerciais são marcadas pelas passagens daqueles que chegam, param e se vão. A figura do caixearo-viajante foi marcante em muitas regiões do Brasil por muito tempo. Assim há diversos outros viajantes que passam por lugares e deixam marcas. Os movimentos das viagens

correspondem aos movimentos das águas que circulam as massas de terra, os continentes e as ilhas.

Em consequência das migrações e da fixação de indivíduos em novos contextos, pode se dar uma produção exofônica, ou seja, a produção de pessoas em uma língua adquirida na fase adulta, algo de certa forma normal em tempos de migrações intensas.

Em conexão com o trânsito migratório e observando o movimento tradutório, recorremos aqui à obra da escritora japonesa que vive há mais de trinta anos na Alemanha, Yoko Tawada. O já citado teórico Ottmar Ette vê o movimento na produção da autora como um conjunto de ilhas (*insularium*) em um arquipélago literário. No livro *Transarea. Eine literarische Globalisierungsgeschichte* [Transarea. Uma história literária da Globalização], segundo Ette, o mar é na obra arquipelar de Yoko Tawada o elemento que estabelece, simultaneamente, separação e conexão, contudo, mesmo na separação, há elementos em movimento, líquidos, que se relacionam. E Ette afirma sobre Tawada, que “como nenhuma outra artista, ela sabe construir nos seus trabalhos um arco tendido que se desenvolve em sempre novas oscilações transareais entre o arquipélago japonês e o espaço de língua alemã” (ETTE, 2012, p. 300). A obra de Tawada é marcada pelo movimento constante e sem apresentar uma morada fixa. Isso se lê em uma interessante passagem em que a narradora do texto “Onde a Europa começa”, viajando do Japão para a Europa reflete sobre sua alma:

Até mesmo o trem transiberiano anda mais rápido do que uma alma pode voar. Na minha primeira viagem à Europa com o trem transiberiano eu perdi minha alma. Quando voltei, minha alma ainda estava a caminho em direção à Europa. Eu não pude pegá-la. Quando retornei à Europa, ela estava a caminho do Japão. Depois disso, voei tantas vezes de um lado para o outro que já nem sei por onde anda minha alma (TAWADA, 2014, p. 22).

Analizando a forte presença de elementos geográficos na obra, é possível perceber a importância dada ao movimento da água em redor do continente ou então nas fronteiras que a água pode estabelecer. No caso de Yoko Tawada, uma escritora japonesa que vive há três décadas na Alemanha, escrevendo em alemão e em japonês, caso claro de produção exofônica, a narradora em uma narrativa reflete sobre as fronteiras líquidas do Japão. Quando criança, imaginava a Terra como uma esfera de água, “na qual nadavam pequenas e grandes ilhas” e que, dessa maneira, não haveria águas estrangeiras nem desconhecidas, sendo todas a mesma água. Essa ideia nos leva a ver o mundo como um grande arquipélago, em que os continentes são ilhas maiores e as ilhas, ilhas menores, estabelecendo assim uma clara relação com o que Ette propõe em relação às literaturas do mundo. A narradora diz:

Às vezes, enquanto dormia, eu ouvia o murmúrio da água que corria sob a ilha principal do Japão. O contorno que circundava a ilha também era feito de água e batia incessantemente em ondas contra as margens. Como alguém pode definir onde começa a água estrangeira quando o próprio contorno é feito de água? (TAWADA, 2014, p. 10).

Por meio das trocas – ou da tradução que se estabelece – com o outro que se encontra nessas passagens e paragens constrói-se um espaço intermediário, de transição, um espaço de tensão, de fricção, potencial gerador de novas formas. O constante mover-se, que representa a vida, implica em contatos das mais diversas formas com aquilo que não lhe é familiar, possibilitando uma visão de mundo mais ampla. Esta, por sua vez, leva aquele que se desloca, que migra, que viaja a ver a sua própria realidade, aquilo que lhe é familiar, sob um novo prisma. A partir do alargamento da visão de mundo, percebe-se que valores são relativos e estabelecidos a partir do próprio meio.

A tradução (cultural) de uma realidade nova com a finalidade de uma adaptação ao novo meio é, portanto, um elemento para a sobre-vivência da literatura e de toda a ciência em movimento e a tradução cultural sobre-vive a partir do movimento. A migração e os deslocamentos podem levar a produções de textos exofônicos que muitas vezes dificultam qualquer forma de ordenamento, tornando-os textos sem morada fixa ou de uma literatura em movimento. A produção teórica de Ottmar Ette dialoga com textos e produções artísticas de autores que muitas vezes se movimentam em áreas fronteiriças, caracterizadas pelo seu pertencimento múltiplo, nas suas mais variadas nuances, mas por outro lado, por vezes carentes de um pertencimento de fato. A obra de Ottmar Ette é também marcada pela busca de autores que sofreram formas de apagamento, esquecidos em um determinado momento histórico, permitindo aproximações muitas vezes pouco praticadas, apesar de necessárias.

Reflexão sobre as perspectivas

Ao final da discussão aqui apresentada, queremos comentar brevemente a literatura em língua alemã publicada no Brasil entre 1851 e 1940, praticamente 100 anos de literatura, muitas vezes esquecida em arquivos e bibliotecas. Sabe-se que os grupos imigrantes no Brasil produziram literatura e entre os imigrantes alemães, temos nomes que logo nos vêm à memória: Koseritz, Niemeyer, Rotermund, Rambo, Sauer etc. No entanto, como e onde a literatura desse grupo imigrante, no caso dos imigrantes alemães, pode ser ordenada? Na literatura alemã ou na brasileira? Apoiando-nos mais uma vez em Ottmar Ette, no entanto agora em outras obras, *Zwischenweltenschreiben. Literaturen*

ohne festen Wohnsitz [Escrever entre mundos. Literaturas sem local definido] e *Überlebenwissen. Die Aufgabe der Philologie* [Saberes sobreviver. A função da filologia], concluímos que essa literatura não precisa necessariamente ser definida, mas ela necessita ser trabalhada, pois, segundo Ette, a função da literatura – assim como da filologia – é tornar audível o que há muito se acreditava perdido (ETTE, 2005, p. 59) e acrescento, tomando aqui especificamente a literatura dos imigrantes alemães, tornar audível, reconhecida, re-visitada essa literatura que está presa dentro de arquivos. Trata-se de uma literatura que muitas vezes não é classificada como literatura ou então é tomada como literatura marginal, mas existem estudos importantes de pesquisadores brasileiros, como Marion Fleischer, Celeste Ribeiro de Sousa, Erich Fausel, Giralda Seyferth entre outros, contudo, pensou-se aqui refletir esse conjunto que compõe a literatura de expressão alemã no Brasil ou então a literatura teuto-brasileira ou ainda a literatura dos imigrantes alemães no Brasil para tentar refletir a mesma. Chega-se, contudo, a uma conclusão, não definitiva: a de que se tome essa literatura como uma unidade não formada por elementos de duas ou até mais culturas, mas como uma unidade que se hibridiza e cria uma identidade única que não traz em si as definições de alemã e brasileira.

Cabe salientar ainda um elemento importante nesse contexto: a língua. Os autores escrevem e publicam os seus textos em língua alemã e com o passar do tempo inserem palavras da língua local. Como se trata de uma literatura produzida por imigrantes e é publicada para um determinado grupo de leitores, ela geralmente tematiza a realidade do contexto imigratório no qual eles se encontram. Se essa literatura fosse redigida na língua local, ela passaria a ser literatura brasileira? A língua desempenha, portanto, um fator de grande importância neste contexto e poderia até mudar uma definição?

É possível, portanto, pensar a literatura de migrantes, muitas vezes esquecida ou relegada a classificações menores, em um espaço muito mais amplo que o estritamente local, delimitado dentro de fronteiras nacionais, espaço este que já não se sustenta. Para que a pesquisa com e sobre a literatura de migrantes se dê de modo satisfatório, é de extrema relevância o alargamento do campo de visão daquele que se debruça sobre a obra, sendo importante o contato com mais áreas do conhecimento para que se perceba o todo.

Referências

- ETTE, Ottmar. *Literatura de viaje: de Humboldt a Baudrillard*. Tradução de Antonio Angel Delgado. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México (Colección Jornadas), 2001.
- ETTE, Ottmar. *ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlin: Kadmos, 2005.
- ETTE, Ottmar, Konvivenz. *Literatur und Leben nach dem Paradies*. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2012.
- ETTE, Ottmar *Transarea. Eine literarische Globalisierungsgeschichte*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter Verlag, 2012.
- GASQUET, Axel. Bajo el cielo protector. Hacia uma sociologia de la literatura de viajes. In: GIRALDO, Manuel L; PIMENTEL, Juan. *Diez estúdios sobre literatura de viajes*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2006, p. 54.
- GERSTÄCKER, Friedrich. *Achtzehn Monate in Südamerika und dessen deutschen Colonien*. 2. Band. Jena: Hermann Costenoble, 1863, p. 76-78.
- KURY, Lorelai. Viajantes e naturalistas do século XIX. In: PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.) *Brasiliana da Biblioteca Nacional: guia das fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2001, p. 66.
- Neuland. Ein Heft über Flucht und Heimat. In: *KULTURAUSTAUSCH. Zeitschrift für internationale Perspektive*. Stuttgart: IfA, 2016, n. 2.
- NOAL FILHO, Walter Antonio; FRANCO, Sérgio da Costa. *Os viajantes olham Porto Alegre*. Santa Maria: Anaterra, 2004.
- TAWADA, Yoko. *Wo Europa anfängt & Ein Gast*. Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2014.

Recebido: 20/02/2019

Aceito: 12/04/2019

Publicado: 13/05/2019

¹ Doutor em Ciências da Literatura pela Freie Universität Berlin - FU-Berlin (2004) com bolsa DAAD. Professor Associado de Literatura e Língua Alemã na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. E-mail: gerson.neumann@gmail.com